



(Última fotografia de Dom Pedro II)

A VISITA DE D. PEDRO II A S. PAULO

VINÍCIO STEIN CAMPOS
(Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo)

D. Pedro II, em sua fala do trono, de 14 de setembro de 1845, anunciando seu desejo de conhecer o vasto Império que lhe competia governar, escreveu: «Desejoso de conhecer pessoalmente as Províncias do meu Império, tenciono visitá-las oportunamente e confio que esta resolução preencherá os votos do país e os de meus representantes.»

Era o início de uma sábia política de permanente contato com as unidades territoriais que compunham o continente nacional, seja para consolidação dos liames que asseguravam a sua integridade, seja para estímulo dos polos que se engendravam no processo de seu desenvolvimento, abrindo promissoras perspectivas para o seu grandioso futuro, como foi o caso especial da terra paulista.

O jovem monarca não completara ainda vinte anos quando empreendeu a sua primeira penosa e longa viagem pelos mais distantes rincões do Brasil. O Rio Grande do Sul, graças ao concurso do gênio militar e político de Caxias, voltara, pacificado, ao seio da nação, congraçadas em Ponche Verde as cortes armadas que se digladiaram por dez anos nas sangrentas batalhas da Revolução Farroupilha.

Depois de percorrer em companhia de Tereza Cristina a terra riograndense

e fazer sentir ao heroico povo gaúcho o interesse do Imperador no conhecimento pessoal de sua Província, seus problemas e suas reivindicações, depois de visitar Santa Catarina, D. Pedro II e sua comitiva desembarcaram em Santos às 17 horas do dia 18 de fevereiro de 1846.

Era o seu primeiro contato com a terra natal do grande Andrada. De 18 a 24 permaneceu em Santos, visitando a cidade, suas igrejas, seus sítios históricos, as instalações do porto, São Vicente e as ruínas remanescentes dos velhos tempos vicentinos.

Dia 25, às 6 horas da manhã, o casal imperial enfrentou a emocionante caminhada serra acima, rumo a São Paulo. Dia 26 estava em São Bernardo. Alcançava a seguir a Capital da Província, onde se demoraria até 15 de março, num estudo paciente e metódico da cidadezinha paulistana e seus arredores. O Imperador, bom cavaleiro, afeiçoado ao esporte cinegético, encontrou nos matos e campos que envolviam a urbe paulistana, compondo-lhe uma paisagem deliciosa, densamente povoada de caça abundante e variada, o terreno ideal onde satisfazer seu entusiasmo pelo esporte predileto. Mas ao lado da diversão, da cavalgada e das exaustivas caminhadas pelas cercanias da cidade, D. Pedro não se recusava às

Fernandes Teixeira, a duzentos mil réis cada um e os mais a cem mil réis e daí para baixo, importando ela em dois contos e quatrocentos mil réis (2:400\$000), mais ou menos, tendo apen- nas assinado os do partido da opposição, vulgarmente chamados «CASQUIDOS», com quarenta mil réis (40\$000), sendo vinte mil réis (20\$000) do Vigário Co- lado Francisco Fernandes Novais e outros vinte mil réis (20\$000) do Ca- pitão Francisco Antonio de Moraes, pitão Roque, visitando Sorocaba no dia 17. No dia seguinte esteve no salto Voto- rantim. Dias 19 e 20 percorreu demora- damente a fábrica de ferro do Ipanema, visitou as oficinas, conheceu os opera- rios alemães que ali trabalhavam (entre eles o chefe-Mecânico Modelador João Guilherme Hoppe, que hospedaria alguns anos depois, em sua casa de Capivari, o Barão Von Tschudi), intercou-se do processo da fabricação de armas (o Ipa- nema produzira armamento leve e pe- sado para os revolucionários paulistas de 1842, chefiados pelo Brigadeiro To- bias), e no dia 21 deixou o Ipanema, rumo à fazenda Bom Retiro onde se entregou novamente ao esporte da caça.

Finalmente, dia 22 D. Pedro II reali- zou a sua anunciada visita à cidade de Porto Feliz, a histórica Araraquaba das Mongões. Dessa visita há um re- lato saboroso, escrito por testemunha presencial, e que não nos furtamos ao prazer de trasladar para aqui, atenden- do ao generoso convite de José Leandro de Barros Pimental para esta colabo- ração: «1846 — Março — 22 — Chega a Porto Feliz, às 10 horas, o Sr. D. Pe- dro II, vindo da fábrica do Ipanema, conforme vamos referir.

Apenas chegou a esta vila a partici- pação oficial da chegada de Suas Majes- tades Imperiais à capital da Província, reuniu-se a Câmara Municipal e man- dou-se publicar, por editais, tão faus- tosa notícia. Logo houve Te Deum Laudamus a que assistiram a Câmara Municipal, autoridades locais, oficiai- lidades da Guarda Nacional e mais cida- dãos, passando-se a iluminar a vila toda por espaço de nove noites consecutivas. Tendo o Governador da Província parti- cipado a Câmara Municipal que Sua Magestade Imperial tinha resolvido vi- sitar esta vila, na sua passagem pela fábrica do Ipanema para Itú, deliberou a Câmara nomear uma comissão exter- na, composta dos cidadãos tenente-co- ronel José Manuel de Arruda, Antonio Dias de Toledo, José Viegas Muniz e José Rodrigues Leite, para promover uma subscrição entre o povo e com o produto dela cuidar dos festejos publi- cos e na fatura das estradas desta vila. A comissão prontamente aceitando esta incumbência, passou a promover a maior parte da população, subscrevendo em primeiro lugar o tenente-coronel José Manuel de Arruda, maior José Custódio de Oliveira, major Luiz Anto- nio de Assunção, e o tenente Manuel

com sua Magestade na fábrica do Ipa- nema. Redobrou-se a atividade nos tra- balhos, no acabamento dos arcos e em tudo o mais. No dia 19 chegou a esta vila o Major Francisco Antonio de Oli- veira, ajudante de ordens do Presidente, encarregado de dar algumas providên- cias e declarou que sua Magestade aqui estaria no dia 21, vindo pela fazenda do Capitão-mór Joaquim Vieira de Moraes, onde almoçaria e nesta vila viria jantar. No dia 21, pela manhã, seguiu a encontrar o Augusto Monarca de Arruda, o esquadrão da Guarda Nacional, com setenta praças bem uniformizadas e comandadas pelo Capitão José Ferraz de Arruda, o qual teve a honra de sau- dar sua Magestade na fazenda (do Bom Retiro) do Capitão-mór Moraes. Tendo nesse dia mais de quarenta cidadãos, in- clusive autoridades locais e oficiais da Guarda Nacional, saído a encontrar sua Magestade, souberam em caminho que o Augusto Monarca tinha resolvido ficar aquêle dia na fazenda do dito Capitão-mór e que só no dia seguinte viria almoçar nesta vila. Então vinte e tantos cidadãos foram à referida fazen- da visitar sua Magestade e os restantes regressaram a esta. No dia 22, pela manhã muito cedo, voltou o esquadrão da Guarda Nacional a encontrar sua Magestade Imperial, bem como as auto- ridades locais e mais cidadãos, todos decentemente vestidos, sendo para no- tar-se que nem um só do partido opo- sicionista (com excepção do Vigário) se dignou ir ao encontro de sua Magestade. O encontro positionou-se no pasto do cida- dão João Marinho de Camargo, a uma légua desta vila, desde as sete horas da manhã até às nove horas, quando tive- ram o prazer de cumprimentar sua Magestade; nessa occasião o delegado de policia José Rodrigues Leite que se achava bem na frente do grupo deu vivas a sua Magestade o Imperador, a sua Magestade a Imperatriz e a sua Alteza o Príncipe Imperial, vivas grande que foram correspondidos, com grande entusiasmo, pelo povo e tropas ali reunidos. Daí passaram a acompanhar sua Magestade até esta vila onde entra- ram às 10 horas do dia 22 de março de 1846, de baixo de estropeadas bombas, rojões, etc., indo o Augusto Monarca hospedado-se no sobrado do tenente-co- ronel José Manuel de Arruda que estava ricamente adornado, onde foi sua Ma- jestade recebido pela infantaria da Guarda Nacional comandada pelo Ca- pitão José Dias de Toledo. Desde a esquinha da rua do «Carreador», a lon- guíssima rua de Sorocaba estava guar- necida de palmeiras até o primeiro arco; as senhoras, decentemente vesti- das, estavam todas às janelas lançando flores sobre o Augusto Hospede. Ao passar sua Magestade pelo primeiro arco, foi saudado pelo Presidente da Câmara Joaquim Viegas Muniz, com repellidos vivas, e por mais cidadãos segundo arco, foi ele saudado com ou-

Fernandes Teixeira, a duzentos mil réis cada um e os mais a cem mil réis e daí para baixo, importando ela em dois contos e quatrocentos mil réis (2:400\$000), mais ou menos, tendo apen- nas assinado os do partido da opposição, vulgarmente chamados «CASQUIDOS», com quarenta mil réis (40\$000), sendo vinte mil réis (20\$000) do Vigário Co- lado Francisco Fernandes Novais e outros vinte mil réis (20\$000) do Ca- pitão Francisco Antonio de Moraes, pitão Roque, visitando Sorocaba no dia 17. No dia seguinte esteve no salto Voto- rantim. Dias 19 e 20 percorreu demora- damente a fábrica de ferro do Ipanema, visitou as oficinas, conheceu os opera- rios alemães que ali trabalhavam (entre eles o chefe-Mecânico Modelador João Guilherme Hoppe, que hospedaria alguns anos depois, em sua casa de Capivari, o Barão Von Tschudi), intercou-se do processo da fabricação de armas (o Ipa- nema produzira armamento leve e pe- sado para os revolucionários paulistas de 1842, chefiados pelo Brigadeiro To- bias), e no dia 21 deixou o Ipanema, rumo à fazenda Bom Retiro onde se entregou novamente ao esporte da caça.

Finalmente, dia 22 D. Pedro II reali- zou a sua anunciada visita à cidade de Porto Feliz, a histórica Araraquaba das Mongões. Dessa visita há um re- lato saboroso, escrito por testemunha presencial, e que não nos furtamos ao prazer de trasladar para aqui, atenden- do ao generoso convite de José Leandro de Barros Pimental para esta colabo- ração: «1846 — Março — 22 — Chega a Porto Feliz, às 10 horas, o Sr. D. Pe- dro II, vindo da fábrica do Ipanema, conforme vamos referir.

Apenas chegou a esta vila a partici- pação oficial da chegada de Suas Majes- tades Imperiais à capital da Província, reuniu-se a Câmara Municipal e man- dou-se publicar, por editais, tão faus- tosa notícia. Logo houve Te Deum Laudamus a que assistiram a Câmara Municipal, autoridades locais, oficiai- lidades da Guarda Nacional e mais cida- dãos, passando-se a iluminar a vila toda por espaço de nove noites consecutivas. Tendo o Governador da Província parti- cipado a Câmara Municipal que Sua Magestade Imperial tinha resolvido vi- sitar esta vila, na sua passagem pela fábrica do Ipanema para Itú, deliberou a Câmara nomear uma comissão exter- na, composta dos cidadãos tenente-co- ronel José Manuel de Arruda, Antonio Dias de Toledo, José Viegas Muniz e José Rodrigues Leite, para promover uma subscrição entre o povo e com o produto dela cuidar dos festejos publi- cos e na fatura das estradas desta vila. A comissão prontamente aceitando esta incumbência, passou a promover a maior parte da população, subscrevendo em primeiro lugar o tenente-coronel José Manuel de Arruda, maior José Custódio de Oliveira, major Luiz Anto- nio de Assunção, e o tenente Manuel

tros vivas pelo tenente-coronel José Manuel de Arruda, que ali o esperava, e por mais cidadãos presentes, sendo-lhe feitas as devidas honras pela Guarda Nacional. Recolhendo-se Sua Majestade a palácio (1) foi novamente cumprimentado pelo delegado de policia, que lhe repetiu os vivas já mencionados, sendo entusiasticamente correspondido pelo povo e tropas. Ao meio-dia a Câmara Municipal e mais cidadãos vieram buscar Sua Majestade para assistir aos atos religiosos; então o Monarca ao recebe-la deu-lhe «beija-mão» e bem assim aos mais cidadãos, que ali estavam presentes. Sua Majestade, ricamente fardado, desceu as escadas do palácio e entrou embaixo do palio, que foi conduzido pela Câmara e acompanhado por enorme massa popular. As ruas estavam bordadas dos da Guarda Nacional e Sua Majestade nesse traje ia cumprimentando as senhoras que estavam pelas janelas até chegar na igreja matriz, onde foi recebido pelo Vigário e levado para o camarim que lhe era destinado. Ali assistiu ele com todo o respeito a um extensíssimo «Te-Deum», mostrando em tudo ser um verdadeiro católico, findo o qual o vigário recitou uma oração análoga à visita do Augusto Monarca. Depois retirou-se Sua Majestade a palácio, da mesma forma, onde deu novamente beija-mão à Câmara e aos cidadãos presentes que foram em pequeno número porque ignoravam que ele ia dar essa graça. O Presidente da Câmara, Joaquim Viegas Muniz, nessa ocasião recitou, lendo, uma felicitação a Sua Majestade em nome do povo deste município, a qual foi muito bem acolhida por Sua Majestade que agradeceu. Em seguida retiraram-se todos para suas casas, a fim de que o Augusto Hóspede jantasse e descansasse. As quatro horas da tarde deliberou Sua Majestade dar um passeio pela vila, sem que coisa alguma se soubesse de tal pretensão. Saiu com pequeno acompanhamento que a poucos passos já era numeroso; descendo pelo pátio da matriz abaixo, tomou pela rua que vai para a Penha e dali desceu ao Porto Geral, passando depois ao paredão, onde mostrou Sua Majestade ser muito inclinado às ciências naturais, pegando um pau para examinar uma ponta de pedra e até provando o gosto que tinha o pó (areia) do paredão. Deste lugar veio o Augusto Monarca por diversas ruas até chegar a palácio, em frente do qual conservou-se o acompanhamento até de noite. Esta vila tornou-se nesses dias brilhante como nunca; suas casas todas iluminadas e os arcos cobertos de luzes que passaram

(1) O prédio que o cronista designa como "palácio" pela circunstância de hospedar o Imperador, é o monumental edifício de taipa pilada, ainda existente em Porto Feliz e hoje sede do Museu das Monções.

a noite toda; grande número de famílias percorriam as ruas demonstrando o prazer que sentiam; o largo do palácio sempre coberto de povo; enfim, parecia que a vila tinha se transformado num Rio de Janeiro. No dia 23, às seis horas da manhã, retirou-se Sua Majestade para Itu inesperadamente, pois corria que iria depois do almoço; por este motivo não teve o acompanhamento que estava preparado, porém foi saudado com inúmeras salvas. No «Caracatinga» achou Sua Majestade grande porção de refresco para ali, mandado; apeou, trocou de animal e seguiu sua viagem, deixando a todos penhorados pelas suas maneiras alegres e polidas. Ele levou daqui trinta animais de sela, que voltaram de Jundiá, depois de muitos dias. Muita coisa boa que para ele estava preparada sobejou e só desejariamos que Sua Majestade se demorasse entre nós ao menos mais um dia. Porto Feliz, 30 de abril de 1846. José Rodrigues de Campos Leite».

Esta crônica da visita do Imperador a Porto Feliz foi encontrada muitos anos depois pelo prof. Pedro Fernandes de Camargo entre os papéis velhos da Câmara e conservada por esse ilustre educador, integrando seu preciosíssimo acervo histórico, carinhosamente continuado pelo historiador de Porto Feliz, seu genro, Vicente Palma, denodado defensor das tradições históricas e do Museu Histórico das Monções.

D. Pedro II passou em Itú os dias 24 e 25; dia 26 visitou Indaiatuba, dias 27, 28 e 29 esteve em Campinas, dia 30 em Jundiá, onde foi ao sítio Capivari, dia 31, pelo caminho de Juqueri, seguiu para São Paulo. Na tranqüila Capital paulistana permaneceu de 1º a 12 de abril, seguindo então para Santos, onde passou o dia 13. Finalmente a 14, às quatro horas da tarde, no vapor Correio do Brasil seguiu para a fragata Constituição, na qual regressou ao Rio de Janeiro.

D. Pedro II voltou ainda mais três vezes a São Paulo: em 1875, 1878 e 1886, viagens que realizou especialmente para participar dos atos inaugurais das linhas férreas paulistas, quando conheceu todo o vale do Paraíba, as cidades servidas pela antiga itauna, Paulista e Mogiana e que despontavam na economia do Estado como promissores núcleos da produção cafeeira, pedra angular do vertiginoso desenvolvimento de São Paulo nas últimas décadas do século XIX.

O grande Imperador «evocado, agora, no juízo sereno e imparcial da História, no séssquicentenário de seu nascimento, como a mais extraordinária figura de Chefe de Estado de que se deve orgulhar o País. E São Paulo, que tanto lhe mereceu, não poderia faltar ao coro de aclamações que enaltecem e bendizem a sua memória.

**A
PÁTRIA
É A
UNIÃO
DE
TODOS**



Dom Pedro II em seu leito de morte

ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA

(Do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo)

DOM PEDRO II

O sesquicentenário de nascimento de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro II que este ano comemoramos, oferece oportunidade feliz para a prática de um ato de elevação moral que revela a consciência da nossa continuidade histórica.

A personalidade de Dom Pedro II, encheu quase meio século da existência do Brasil. No seu reinado, o progresso subordinou-se a uma evolução que se regulava prudentemente pelas posses da Nação. Modesto e econômico, vivendo de uma lista civil, reservava grandes somas para fins beneficentes. Assustavam-no os programas grandiosos de reformas. Aplicava ao País, os mesmos processos de economia de sua pessoa. Com ele, o progresso material andava devagar. Todavia, se a civilização material brasileira, no decurso de seu reinado não avançava aceleradamente, sob o aspecto da cultura intelectual, ela foi brilhantíssima. O Parlamento do Império é um atestado glorioso de cultura humanista. As letras atingem na poesia, no romance, nos estudos históricos, na oratória, o máximo esplendor.

A manutenção da paz foi a mais perseverante das suas aspirações. Subindo ao trono, Pedro II herdava o remanescente das guerras civis originadas das agitações políticas que convulsionaram o período da Regência e que se aplacaram definitivamente em 1849. O jovem Imperador encontrou na espada de Duque de Caxias o instrumento providencial da pacificação interna e do prestígio militar.

Austero por educação e por sentimentos, ele tornou-se o pai da Nação, imprimindo à política esse caráter moralista que tanto distinguiu a administração brasileira na política americana de seu tempo. Ocupando vitaliciamente

o supremo poder, evitou ao Brasil as dissensões, as discórdias e as lutas políticas que caracterizavam nas democracias americanas a ambição do poder transitório.

Seu pai desligou-se de nós por ato voluntário e reassumiu nos fastos de seu país de origem, o papel que o lugar de rei de Portugal lhe restituira. Relembrando embora, a ação política de Dom Pedro I entre nós, não poderíamos pretender desligá-lo do destino final por ele próprio escolhido. Pedro II, porém, ficou entre os seus compatriotas e foi o representante verdadeiramente nacional dessa dinastia cuja influência nasceu a nossa Pátria que ele ajudou a fundar.

Cento e cinquenta anos são passados. Naquela criança aclamada Imperador aos 15 anos, criada por estadistas e moralistas, privada de afagos maternais, órfão de mãe aos doze meses, separada do pai aos cinco anos, repousaram os destinos do Brasil. Sem aquele jovem príncipe em São Cristovão, o Império brasileiro provavelmente se teria desmembrado em várias Repúblicas.

A proclamação da República, não representou a condenação da obra de Dom Pedro II. Significou apenas que o povo considerava concluída a tarefa salutar que estivera confiada ao Império. Na velhice martirizada pelo exílio, com aqueles cabelos de uma brancura de prata, Dom Pedro II foi o mesmo vulto extraordinário de rei sábio, justo, magnânimo. Nunca uma recriminação, uma queixa que lhe desconcertasse a austeridade.

Cento e cinquenta anos são passados. Ao se comemorar o aniversário do nas-

cimento de nosso último Imperador, o povo brasileiro descobre-se respeitosa-mente perante a figura de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro II.

Nascido no Rio de Janeiro, no Paço da Quinta da Boa Vista, em São Cristovão, a 2 de dezembro de 1825, a 5 de dezembro de 1891, aos 66 anos de idade, num simples quarto do modesto Hotel Bedford, em Paris, falecia o grande monarca vitimado por uma pneumonia contraída numa noite frígida, quando regressava de uma sessão a que assistira no Instituto de França. Fecharam-se para sempre aqueles olhos muito azuis, parara um grande coração.

Dom Pedro II ao falecer, deixava um nome a que os mais sinceros e conspícuos partidários do atual regime timbram em render a homenagem do seu respeito e que ficou indissolúvelmente ligado à História do Brasil.

Em 1921, regressava ao solo da Pátria os despojos do augusto monarca, rodeado pela veneração do povo brasileiro. Na Catedral de Petrópolis, repousa hoje Dom Pedro II, com sua cabeça pousada numa almofada contendo terra do Brasil que mandara buscar, quando seus padecimentos se agravaram. Foi seu último pedido.

«Ó doce pátria, sonharei contigo!
E entre visões de paz, de luz, de glória,
sereno aguardarei no meu jazigo
a justiça de Deus na voz da História!»

E a História, na sua imparcial justiça, não só confirmou o pensamento do grande Imperador quando nesse belo soneto se referia à terra da Pátria onde repousaria sua cabeça, como consagrou-o o

MAIOR DOS BRASILEIROS